

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

# O circo social:

---

Se não é formação de artista, é formação do  
que?

Hélio Gonçalves Costa

Novembro de 2015

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em gestão de processos gerenciais sob orientação do(a) Prof. Dr. Silas Nogueira.

## **O ENSINO CIRCENSE EM ESPAÇOS SOCIAIS: SE NÃO É FORMAÇÃO DE ARTISTA, É FORMAÇÃO DO QUE?<sup>1</sup>**

Hélio Gonçalves Costa<sup>2</sup>

**RESUMO:** A arte educação circense vem ganhando novos espaços, seja no âmbito, profissionalizante, seja como atividade complementar para jovens e crianças. Este artigo tem como recorte de estudo aulas de circo ministradas em espaços sociais oferecidas em programas governamentais ou entidades do terceiro setor. Esses espaços não têm por objetivo formar um artista de circo. Desse modo, surge a seguinte questão: o que um educando pode desenvolver nesta aula? Também é analisada a percepção do aprendiz referente ao que pode absorver além da técnica circense.

**Palavras-chave:** arte educação, circo, espaços sociais.

**ABSTRACT:** The circus art education has been gaining new spaces, whether professional or as a complementary activity for teenagers and children. This article aims to studies circus lessons in social spaces such as courses offered by government programs or maintained by third sector entities. These spaces are not intended to form a circus performer. But then, what a student can develop in this class? This text also analyzes the perception of the learner concerning what can be absorbed from these lessons beyond the circus technique.

**Keywords:** art education, circus, social spaces.

**RESÚMEN:** El arte educación del circo ha ganando nuevos espacios, sea como actividad técnica, sea como actividad complementaria para jóvenes y niños. Este artículo se corta en estudiar las clases de circo en espacios sociales, como cursos ofrecidos por los programas de gobierno o mantenidas por instituciones del tercer sector. En estos espacios, no se pretende formar un artista de circo. ¿Entonces, lo que un estudiante puede desarrollar en esta clase? También se analiza la percepción del aprendiz acerca de lo que él puede absorber allá de la técnica de circo.

**Palabras-Clave:** Arte educación, circo, espacios sociales.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em gestão de projetos culturais.

<sup>2</sup> Hélio Gonçalves Costa é pós-graduando em gestão de projetos culturais pelo CELACC – USP, atua como arte educador de circo desde 2009 e é gestor do Ponto de Cultura Circomunidade (email: heliogc@bol.com.br).

## 1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais, órgãos governamentais e entidades do terceiro setor apostam em aulas de circo em projetos sociais para complementar as atividades de jovens e crianças em regiões consideradas de vulnerabilidade social. Este trabalho se propõe a pesquisar em que essas aulas contribuem, considerando a formação de aprendizes que frequentam estes espaços.

Para tal, é necessário definir um conceito de cultura a abordar, diferenciar o estudo da arte circense em espaços profissionalizantes e o que é chamado de circo social, bem como, entender o ponto de vista dos jovens que frequentam estas aulas.

Também foi considerada, neste estudo, a experiência do autor deste artigo que trabalha com arte educação circense há seis anos. Este já trabalhou em ONGs e em programas de governo, sua formação enquanto circense também provém de circo social. Esta atuação contribuiu para o que metodologicamente é denominada observação participante com viés etnográfico. “O pesquisador se insere, participa de todas as atividades do grupo pesquisado, ou seja ele acompanha a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação.” (PERUZZO, 2010)

Utilizando o conceito de cultura de J. Thompson (2000) que diz que “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados”, compreende-se que qualquer espaço inserido em determinado local deve manter um diálogo constante com este local. Dessa maneira, não se deve, ou se deveria chegar com uma solução inovadora e ações que não correspondem com a situação local.

Como solução para esta problemática, é possível recorrermos à teoria da ação dialógica<sup>i</sup> de Paulo Freire (2011) para que haja uma harmonização das relações entre entidades e comunidades sem que a primeira seja vista como um visitante, mas sim como pertencente à localidade. Nesse contexto, compreender de que forma se estruturam os contextos sociais também ajuda no entendimento e assunção de identidade de cada um de nós.

Para entender de que forma estes contextos estão estruturados também podemos recorrer a Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Hall (2014) chama de modernidade tardia o processo de mudanças rápidas e constantes trazido pela globalização. Já Bauman chama de mundo líquido moderno:

*O que torna “líquida” a modernidade, e assim justifica a escolha do nome, é sua “modernização” compulsiva e obsessiva, capaz de impulsionar e intensificar a si mesma, em consequência do que, como ocorre com os líquidos, nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo. (BAUMAN, 2013, p.16)*

Eagleton (2011, pg. 16) chama a cultura de uma “espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política”, podemos dizer que este é o objetivo de ações culturais em espaços sociais, refletir sobre o senso estético e crítico de jovens pode tornar mais apurada a visão de mundo de cada um, o educador que trabalha sério pela emancipação de seus educandos não visa apenas a transmissão de conhecimentos artísticos, mas também a formação política.

Outro conceito que irá contribuir ao entendimento do objetivo aqui proposto é o de multiculturalismo crítico de Peter McLaren que sugere que:

*...educadoras e trabalhadoras culturais levantem a questão da “diferença” de maneira que não repitam o essencialismo monocultural dos “centrismos” – anglocentrismo, eurocentrismo, afrocentrismo, falocentrismo, androcentrismo, e assim por diante. (...) Nós devemos lutar por uma solidariedade que não está centrada em torno de imperativos de mercado, mas sim que se desenvolve a partir de imperativos de liberdade, libertação, democracia e cidadania crítica. (MCLAREN, 2000, p.131-132)*

Desde seu surgimento como empreendimento, o circo misturou, e o faz até hoje, diferentes linguagens artísticas e diversas culturas.

Esta arte surgiu de uma iniciativa de um ex-oficial militar que uniu a nobre arte da equitação com os populares saltimbancos, artistas de diversas nacionalidades em um mesmo espetáculo (TORRES, 1998).

O espetáculo circense já contempla uma variedade de modalidades, pois pode conter apresentações de malabares, acrobacias de solo, acrobacias aéreas, equilibrismo, contorção, saltos, palhaço, entre outros. Além de estabelecer uma relação íntima com outras linguagens artísticas como o teatro, a música, a dança e a utilização de técnicas audiovisuais. Esta diversidade artística em um mesmo palco é uma herança das origens do circo como empreendimento.

*A aproximação da arte popular das feiras com a arte equestre militar possibilitou o surgimento do espetáculo circense que vai se perpetuar*

*até os dias atuais. Ou, para ser mais correto, com a diversificação dos espetáculos de circo, àquela união original vieram se somar muitas outras, como a coreografia, o music-hall, a música propriamente dita e as diversas formas teatrais, desde a pantomima e os roteiros readaptados da commedia dell'arte, até o melodrama que no início se mostrou como hipodrama ou pantomima equestre.* (BOLOGNESI, 2003, p.36)

Havia também, nesses espetáculos, uma divisão de classes clara, com “geral”, arquibancada e camarote<sup>ii</sup>. Aqui, pode-se dizer que essa temática é muito importante no âmbito do ensino deste tipo arte, pois por meio desta questão, é possível que se estabeleça um diálogo reflexivo entre educadores e educandos. Nesse ponto, além de se compreender como era e como funciona hoje em dia uma arte que vive do multiculturalismo, pode-se estimular a crítica referente à relação da arte com a vida social.

No capítulo seguinte veremos com mais clareza os formatos de aprendizado e ensino da arte circense mais comuns atualmente.

## 2. ARTE EDUCAÇÃO CIRCENSE

Há poucas décadas atrás, o único modo de aprender as artes do circo era nascer em uma família circense ou “fugir com o circo”, o único formato de transmissão de saberes acontecia debaixo de uma lona.

A partir do início dos anos 1990, a arte circense também passou a ser ensinada em escolas, algumas focadas no ensino profissionalizante do artista circense, tendo como conteúdos o treinamento físico de alto rendimento e uma preocupação com a técnica e a estética. Outras inseridas em espaços sociais, geralmente entidades do terceiro setor, que utilizavam a arte circense para trabalhar outras questões como a cidadania e autonomia de aprendizes.

Segundo Lobo e Cassoli (2006), organizações não governamentais trazem uma nova aliança: a da filantropia com as artes. Estas investem na arte educação de moradores de regiões pobres consideradas perigosas.

Levando isto em consideração e para fins de delimitar o foco deste artigo, podemos dividir em três categorias o modo de ensino nas artes circenses que ocorrem hoje em dia, são elas o aprendizado e ensino circense tradicional, o circo social e o aprendizado e ensino circense profissionalizante. Antes, devemos ressaltar que cada instituição de ensino, independente da categoria, pode optar por um dos modelos de educação proposto por Paulo Freire, a educação bancária (2011) que consiste apenas na transmissão de conhecimento tendo o educando como agente passivo, ou a educação problematizadora e libertadora (2011) que iguala educadores e educandos em um processo dialógico no qual “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (2011, p.86). Apesar de Paulo Freire ter um reconhecido e importante trabalho na alfabetização de adultos, este autor acredita que os mesmos conceitos podem ser aplicados no aprendizado de jovens, tanto que aplica os mesmos em suas aulas de circo.

## 2.1 – Aprendizado e ensino circense tradicional:

As primeiras formas de transmissão dos saberes circense aconteciam debaixo da lona de circo. No Brasil este tipo de ensino foi muito marcante entre o final do século XIX e meio do século XX, através da transmissão oral de geração para geração, característica herdada de artistas ambulantes e saltimbancos, o que Ermínia Silva (2009) chama de circo-família, no qual havia um processo de socialização/ formação/ aprendizagem em que o circense, além de aprender seu ofício como artista, também era responsável em aprender todos os afazeres dentro do circo.

*Esta organização familiar era a base de sustentação do circo. A transmissão do saber circense fazia deste mundo particular uma escola única e permanente. O que se aprendia era suficiente para ensinar a armar e desarmar o circo, a preparar os números ou peças de teatro, além de treinar as crianças e adultos para executá-los. Este conteúdo trata também de ensinar sobre a vida nas cidades, as primeiras letras, as técnicas de locomoção do circo. Através deste saber transmitido coletivamente às gerações seguintes, garantiu-se a continuidade de um modo particular de trabalhar e montar o espetáculo (SILVA, 2009).*

Hoje em dia são poucos circos que trabalham desta forma, apesar de ainda encontrarmos organizações que seguem estas tradições, muitos tiveram que se adaptar a nossa modernidade líquida.

## 2.2 – Circo social

Saindo debaixo da lona os circenses começaram a transmitir seus conhecimentos em outros espaços, geralmente entidades do terceiro setor ou órgãos públicos. Moradores de periferias ou em situação de vulnerabilidade social foram os primeiros alunos a conhecer a arte circense sem precisar estar inserido no contexto de uma família circense como acima descrito.

Segundo Macedo (2011):

*A proposta do Circo Social de educar utilizando a linguagem circense se insere em um projeto de educação não alfabetizante, que objetiva auxiliar sujeitos da classe popular na construção de sua subjetividade e contribuir para sua inserção na vida social. Com esse fim, são associados fundamentos teóricos e práticos que visam incentivar crianças, adolescentes e jovens a reconhecerem suas potencialidades para que assim possam criar novas perspectivas para o futuro.*

Assim podemos afirmar que aulas de circo nesse contexto não têm como objetivo formar um artista circense, mas através da ludicidade e subjetividade, propiciar que os educandos reflitam sobre de que modo se aproximam ou se afastam aspectos da arte e da vida.

Em uma aula de circo o aprendiz desenvolve diversos aspectos, aqui divididos em três categorias<sup>iii</sup>:

Aspectos Físicos: Coordenação motora, propriocepção<sup>iv</sup>, resistência física, força muscular e flexibilidade.

Aspectos Mentais: Concentração, criatividade, olhar crítico, confiança e disciplina.

Aspectos Sociais: Sociabilização, desinibição, coletividade e respeito.

Esta divisão foi pensada para entender quais benefícios uma aula de circo em um pode oferecer, pois é exatamente disso que a aula de circo, nesse contexto, diferencia-se das demais, enquanto o objetivo da formação tradicional é o espetáculo e o da formação profissionalizante/ de alto rendimento é a evolução técnica, aqui vemos que o objeto é formar um sujeito melhor em todos seus aspectos.

### **2.3 – Aprendizado e ensino circense de alto rendimento/ profissionalizante**

Como espaços de circo social geralmente trabalha com iniciação artística, criou-se uma demanda de pessoas com conhecimentos básicos em circo que desejavam se especializar, assim foram surgindo escolas para suprir esta necessidade.

No Brasil a única escola de circo de nível técnico reconhecida pelo MEC é a Escola Nacional de Circo, mantida pela Funarte no Rio de Janeiro.



Apesar de não serem reconhecidas pelo MEC existem outras escolas, públicas e privadas, com este objetivo, de formar o profissional circense. Nestas escolas procura-se desenvolver a técnica com virtuosidade.

Para os fins deste artigo, o método de ensino e aspectos de aprendizado circense escolhidos para a pesquisa têm como referência a iniciação artística praticado em espaços de circo social.

Já que Stuart Hall diz que a identidade cultural é “definida historicamente, não biologicamente” (Hall, 2014, p. 12), fazer uma aula de circo é parte da trajetória de vida de muitas pessoas que não necessariamente irão trabalhar com isto, pensando nos aspectos físicos, mentais e sociais, estas aulas podem impactar positivamente na sua construção de identidade e vida social.

Uma educação sob a ótica de Paulo Freire, um curso de circo, pelas suas próprias especificidades, é um potencial processo de geração de autonomia, o aprendizado circense traz consigo além do autoconhecimento do corpo, o reconhecimento como sujeito capaz de criar esteticamente com criticidade. Como Freire (1996) cita, o ato de ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, desta forma o educando se assume como ser social e histórico.

As artes circenses têm uma ligação direta com o risco, utilizando da audácia e do auge do perigo para atingir o clímax de um espetáculo, o artista sempre se coloca em risco para deleite do público. Porém, este risco não é apenas físico, é também estético na mistura com outras artes, é simbólico com a possível queda da bolinha do malabarista ou ainda o andar desequilibrado do palhaço, o risco também é financeiro devido às escolhas por uma independência política e as instabilidades neste ramo de trabalho.

*Diante da diversidade de suas habilidades, o artista do circo se expõe deliberadamente ao desequilíbrio. Esse jogo entre o controle e a queda impõe que se corra risco, tanto físico quanto estético. Ele exhibe uma instabilidade dos corpos e dos objetos que remete a um modo de vida precário, mas também ao frágil estatuto da arte (WALLON, 2009, p. 23).*

No aprendizado circense, o educando também deve aprender a lidar com estes riscos, com uma metodologia pedagógica pensada em ajudar aprendizes a ter segurança ao enfrentá-los, seja no controle técnico ou na superação de seus medos. O educando deve desenvolver uma responsabilidade não apenas com sua segurança, mas também com a de seus colegas de aula. Já o educador pode sempre relacionar estes riscos em aula com os riscos da vida cotidiana, ajudar o aprendiz a ter segurança nas suas escolhas pessoais e nos riscos do dia a dia.

Como educador atuante neste universo, o autor deste artigo já trabalhou em quatro instituições sociais, sendo duas ligadas diretamente à administração pública e duas ONGs. Assim, pôde observar na prática o potencial que uma aula de circo tem, acompanhando a evolução de diversos aprendizes.

Nesse contexto, um fato importante a ser destacado refere-se à violência enraizada em alguns jovens observados nessas instituições que se tratavam a base de socos e tapas. O tratamento entre alunos era sempre violento e com uso de muitos palavrões. Muitas vezes estes educandos começavam com brincadeiras e acabavam brigando. Porém, após alguns meses de aula de circo, foi possível constatar a nítida diferença nesse comportamento. O fato de trabalhar sempre a importância do cuidado e respeito com o próprio corpo e o corpo do outro, a coletividade que faz parte da aula e destacar que um aprendiz depende dos outros, naturalmente, e também com muita conversa, este comportamento violento foi diminuindo, e a sociabilização entre os aprendizes se tornou mais saudável.

O aprendizado circense traz a importância do corpo como objeto criativo. O desenvolvimento corporal e sua relação com o espaço contribuem no desenvolvimento cognitivo dos educandos. No livro de Vera L. P. Almeida, a autora faz uma conexão entre o movimento expressivo e a psicologia analítica de L.G. Jung, assim mostra o impacto que o trabalho corporal reflete na psique humana em processos como o de conscientização, criatividade, liberdade e autonomia de pensamento.

*O trabalho corporal com o movimento, pelo seu caráter lúdico, vai, gradativamente, ampliando e fortalecendo a consciência, dotando-a de maior capacidade de absorção e assimilação dos conteúdos do inconsciente (ALMEIDA, 2010, p.47).*

### 3. O PONTO DE VISTA DO APRENDIZ

Até aqui foi mostrado aspectos de arte educação circense e alguns benefícios que frequentar este tipo de aula pode trazer a seus participantes. Partiremos agora para o ponto de vista dos educandos que frequentam aula de circo em espaços sociais, entender suas percepções sobre os reflexos que estas aulas têm diretamente em suas vidas. Para tal, foi utilizada a pesquisa etnográfica com aplicação de questionário. Visando uma pesquisa qualitativa (Severino, 2010), foram escolhidos três aprendizes que frequentam aulas de circo em dois espaços distintos, um é a Fabrica de Cultura de Vila Nova Cachoeirinha, administrada pela OS Poiesis, que faz parte de um programa da Secretaria Estadual de Cultura. O outro local é o Ponto de Cultura Circocomunidade em São Bernardo do Campo administrado pela ONG Pró Circo. O autor deste artigo ministra aulas de circo nestes espaços, desta forma, pesquisando o universo do qual faz parte veem acompanhando todo processo de aprendizado dos entrevistados (ver entrevista completa nos apêndices).

Wilson é aprendiz de circo há três anos, filho de funcionária pública, morador do bairro de Vila Nova Cachoeirinha na Zona Norte da cidade de São Paulo, tem 21 anos e diz que fazer aulas de circo ajudou a ter mais disposição para o dia a dia, melhorando no rendimento da escola. Na questão sobre o autoconhecimento o aluno relacionou mais com sua evolução física, já sobre sociabilização ele diz que ficou mais receptivo a outras pessoas. O aprendiz se considera medroso para enfrentar riscos, mas destaca que fazer aulas de circo o está ajudando a enfrentar desafios e relacionando com a vida cotidiana diz que só arriscando para ver se dá certo.

Felipe nasceu e mora em São Bernardo do Campo, filho de empregada doméstica, tem 14 anos e faz aula de circo há seis meses, em sua entrevista disse que seu comportamento em casa melhorou, apesar de ser uma condição imposta por sua mãe o bom comportamento, isto mostra o quanto o aprendiz gosta da aula a ponto de mudar sua postura para continuar no circo. Também diz que o controle sobre o próprio corpo melhorou com os exercícios de acrobacia, bem como a sua relação com outras pessoas, devido a apresentações e exercícios em grupo. Quando questionado sobre o risco no circo o aprendiz vê a necessidade de se preparar para não errar.

Clara, filha de funcionário público, estuda no mesmo local que Felipe, tem 10 anos de idade e faz aula de circo há dois anos. Respondendo ao questionário, Clara responde positivamente a melhoras no seu autoconhecimento, no seu relacionamento com outras pessoas e na sua visão crítica sobre o mundo, apesar de não saber explicar exatamente como, disse que obteve avanços nestas questões, além de ter melhorado muito o convívio com sua irmã.

#### 4. ANALISE DA PESQUISA

Vale lembrar que os jovens entrevistados estão inseridos em locais afastados do centro, considerados regiões de vulnerabilidade social, os dois meninos são negros e os três são de classe média baixa, desta forma já enfrentam diversos obstáculos que nossa sociedade capitalista, elitista e preconceituosa impõe. Isto ocorre quando estes fatores sociais marcam a identidade de indivíduos de forma estereotipante sem escolha para os mesmos.

*No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não tem direito de manifestar as suas preferências e no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades que eles próprios se ressentem, mas não tem permissão de abandonar, nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44).*

Logo, como já citado anteriormente, estas aulas de circo podem contribuir na emancipação do sujeito para que este tenha confiança nas suas potencialidades e seja protagonista de suas escolhas.

Podemos notar que algo em comum nas três entrevistas é a melhora na sociabilização dos participantes, a boa relação com o próximo é intensificada com as aulas, Felipe até citou exemplos de exercícios que considera ajudarem neste avanço.

A disposição para o dia a dia também foi citada nas respostas dos aprendizes. Fazer atividades físicas contribui para melhorar o rendimento durante o dia.

O autoconhecimento foi relacionado apenas com o conhecimento e controle do próprio corpo, mas esta descoberta também fortalece a ideia de que este pode potencializar também o entendimento de sentimentos e ideais quando cruzamos com pesquisas como a de Vera L. P. de Almeida que diz que: "através de diversas formas de conscientização do corpo, descobrimos devagar quem somos, pelo menos começamos a nos conhecer." (ALMEIDA, 2009, p.8).

Os entrevistados também os riscos da atividade circense com os riscos do cotidiano e comentaram que as aulas os ajudam a refletir sobre este assunto.

A entrevista mais emblemática ocorreu com a aprendiz Clara, que apesar de indicar positivamente que esta tendo avanços com a aula de circo em questões como

autoconhecimento, relacionamento interpessoal e na sua visão crítica, não soube dizer como exatamente estas questões a tem ajudado. Este fato pode mostrar que as aulas lhe auxiliam naturalmente, organicamente, mesmo que a aprendiz não saiba como explicar, percebe-se, dessa maneira, uma ampliação no entendimento sobre estes assuntos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta o que já foi dito sobre o processo de identidade cultural ser “definido historicamente, não biologicamente” (HALL, 2014, p. 12) e relacionando com o que Paulo Freire chama de “ser inconcluso” (FREIRE, 2011, p. 101), um ser sempre inacabado e ciente de sua inconclusão; pode-se constatar que as aulas de circo que fazem parte da história de muitos aprendizes e com o que foi visto ao longo deste trabalho, as mesmas podem contribuir para o autoconhecimento destes sujeitos enquanto seres histórico-sociais capazes de protagonizarem a própria história. O educador deve assumir a responsabilidade enquanto indivíduo que dialoga com estas narrativas em construção eterna.

As aulas de circo por si só já contribuem naturalmente para o desenvolvimento e autoconhecimento do indivíduo em seus aspectos físicos, mentais e sociais. Entretanto, quando se pensa em uma aula de circo em espaço social, onde este desenvolvimento e autoconhecimento é justamente seu objetivo, a metodologia de aula pensada deve potencializar os exercícios que desenvolvam estes aspectos para além da técnica.

Logo, o educador deve ter uma intencionalidade política em seu planejamento de aulas. O que vem a fazer mais sentido com a concepção problematizadora e libertadora da educação (idem, p. 86) de Paulo Freire.

Aulas de circo em espaços sociais vêm na contramão de uma educação “bancária”, na contramão de uma “modernidade líquida” que também é elitista, consumista e preconceituosa. Como diz Mauro Wilton de Souza: “a perda das referências coletivas e das utopias leva à busca de novas formas de enraizamento e desenraizamento, embora na oscilação de compromissos, normas e valores” (2010, p.38). Potencializar a arte educação circense que pensa no desenvolvimento humano pode contribuir na formação de seres autônomos, conscientes e críticos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, V. L. P. **Corpo poético: o movimento expressivo em C. G. Jung e R. Laban**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BAUMAN, Z. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOLOGNESI, M.F. **Palhaços**. São Paulo: Unesp, 2003
- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2.ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LOBO, L.; CASSOLI, T. **Circo social e práticas educacionais não governamentais**. Psicologia e Sociedade. Porto Alegre, Dez. 2003, vol. 18, n.3. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822006000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000300009)>.
- MACEDO, C.A. **A educação e o circo social**. In: XIV Semana de Mobilização Científica, 2011, Salvador. Anais... Salvador: UCSAL.
- MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- MOURA, PERUZZO, C.M.K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J.; Barros, A (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 125-145.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SILVA, E. **O circo era uma escola única e permanente**. Jornal Arte e diversões. São Paulo, 7 out, 1999. Disponível em: <<https://redeescolasdecirco.wordpress.com/2009/10/07/o-circo-era-uma-escola-permanente/>>.
- SOUZA, M. W. **O pertencimento ao comum mediático: a identidade em tempos de transição**. São Paulo: Revista Significação, n. 31, 2010.
- THOMPSON, J. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- TORRES, A. **O circo no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.
- WALLON, E. (org.) **O circo no risco da arte**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



## 7. APÊNDICE A – Questionário

- 1 – Nome
- 2 – Idade
- 3 – Onde nasceu?
- 4 – Onde Mora?
- 5 – Mora com quem?
- 6 – Profissão do responsável.
- 7 – Faz aula de circo há quanto tempo?
- 8 - Fazer aula de circo contribuiu com seu rendimento e/ou frequência na escola?
- 9 - Fazer aula de circo contribui de alguma forma com sua relação em casa?
- 10 - Fazer aula de circo contribui no seu autoconhecimento?
- 11- Fazer aula de circo contribui de alguma forma na sua relação com o outro?
- 12 - Fazer aula de circo contribuiu na sua visão sobre o bairro em que mora?
- 13 - Fazer aula de circo contribuiu na sua visão sobre a classe social a que pertence?
- 14 - Fazer aula de circo contribuiu na sua visão critica sobre o mundo?
- 15 - Como você vê o risco no circo?
- 16 - Como você vê o risco na vida? Essa visão mudou com as aulas?
- 17 – Pretende trabalhar com circo?

## 8. APÊNDICE B – Respostas

### 8.1 Questionário 1

1 – Wilson Roberto Roberto Rodrigo Guilherme.

2 – 21 anos.

3 – São Paulo, SP.

4 – Zona norte de São Paulo.

5 – Mora com a mãe.

6 – Funcionaria pública.

7 – Três anos.

8 – Não.

9 – Sim, bastante, evolução física.

10 – Sim, fiquei mais receptivo.

11 – Não.

12 – Não, apesar de ficar mais claro a necessidade de correr atrás, trabalhar para conquistar algo.

13 – Sim, bastante, mais otimismo em situações ruins.

14 – Sou medroso, mas enfrentar o desafio está sendo bom, a própria resistência a dor melhorou.

15 – Tem que arriscar, dá medo, mas como o circo só arriscando para ver se dá certo.

16 – Sim.

17 – Não.

## 8.2 Questionário 2

- 1 – Felipe Dias Gomes Santos.
- 2 – 14 anos.
- 3 – São Bernardo do Campo, SP.
- 4 – São Bernardo do Campo, SP.
- 5 – Mora com a mãe e dois irmãos.
- 6 – Empregado domestica.
- 7 – Seis meses
- 8 – Não
- 9 – Sim, porque tenho que me comportar bem para poder ir a aula de circo.
- 10 – Sim, controle do corpo com as acrobacias.
- 11 – Sim, por causa das apresentações e de exercícios em grupo.
- 12 – Não.
- 13 – Não.
- 14 – Não.
- 15 – Vejo a necessidade de se preparar para não errar.
- 16 – Nunca parei para pensar sobre isso.
- 17 – Não.

## 8.3 Questionário 3

- 1 – Clara Negreiros
- 2 – Dez anos
- 3 – São Bernardo do Campo, SP.
- 4 – São Bernardo do Campo, SP.
- 5 – Mora com os pais e uma irmã.
- 6 – Filha de funcionário público.
- 7 – Dois anos.

8 – Não sei.

9 – Melhorou o companheirismo com minha irmã que também faz aula de circo.

10 – Sim, muito. Não sei dizer como.

11 – Sim. Não sei dizer como.

12 – Não.

13 – Não.

14 – Sim. Não sei como.

15 – Não tenho palavras para descrever.

16 – Procuo ver como as coisas funcionam.

17 – Sim.

## 7. NOTAS

---

<sup>i</sup> Tem como características a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

<sup>ii</sup> Citação da pesquisadora Dra. Ermínia Silva em um curso sobre história do circo no Galpão do Circo em 2013.

<sup>iii</sup> Para atingir o objetivo do presente artigo sem estendê-lo, o autor optou por apenas citar, sem o aprofundamento que merece, os benefícios que uma aula de circo pode proporcionar para seus participantes.

<sup>iv</sup> Consciência espacial de localização dos próprios membros sem o auxílio da visão.